

## O NORDESTE E SUAS REPRESENTAÇÕES

Laisa Pinho de Souza<sup>1</sup>

Resumo: Nesta produção teórico-científica apresentamos o objeto de estudo da pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Uneb: o Nordeste e suas representações. Para cumprir com essa tarefa, nos respaldamos em Anjos (2000), Albuquerque Junior (1988; 1999) e Walter (2010) para discutir o Nordeste como espaço simbólico, construído histórica e culturalmente através de uma confluência de discursos e imagens.

Palavras-Chave: Constituição histórica. Espaço simbólico. Nordeste.

### INTRODUÇÃO

Nesta produção teórico-científica apresentamos o objeto de estudo sobre o qual debruçamo-nos para construir a pesquisa de Mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Uneb: o nordeste e a construção de suas representações. Ressalto, que embora o objetivo da pesquisa seja discutir essas representações na escrita literária, a partir da trilogia *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006) de Antônio Torres, neste ensaio objetivamos uma discussão teórica sobre a constituição histórica e cultural do Nordeste enquanto espaço simbólico.

De início, é preciso raciocinarmos sobre o Nordeste brasileiro, o qual, para além de um espaço geográfico, é um espaço simbólico, investido de relações semióticas e de poder. Através de uma confluência de discursos e imagens, seus significados se constituíram historicamente, imprimindo-lhe uma identidade que, utilizando as terminologias de Anjos (2000) para nomear o processo de homogeneização dos espaços, não só no Brasil, mas em toda a América Latina, quis-se pretensamente *natural* e *totalizante*.

A esse respeito, Albuquerque Júnior (1988) argumenta que a imagem do nordeste está fortemente arraigada as secas, pois no momento em que a classe dominante da região norte do país descobriu nesse fenômeno climático uma arma para reclamar investimentos por parte do Estado para modernizar a infraestrutura produtiva da região e fortalecer-se politicamente, alicerçando-se as bases para a manutenção da conhecida indústria da seca, iniciou-se o processo de construção imagético-discursivo desse espaço.

Albuquerque Júnior (1999) também argumenta que o discurso regionalista da década de 1920 refletiu as diversas formas de se perceber e se representar o espaço nas diversas áreas do país. Segundo o autor, nesse momento a região centro-sul começou a se diferenciar das outras áreas do país, graças ao processo de industrialização e urbanização aí concentrados. Com a região centro-sul em latente

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Neuma Mascarenhas Paes. Endereço eletrônico: prof.laisa@hotmail.com.

desenvolvimento, passou a ocorrer um intenso movimento migratório, especialmente das regiões nordeste em direção ao sul (êxodo rural).

Esse processo de industrialização e urbanização do país, segundo Walter (2010) se intensificou durante os anos 1960 graças a tomada de empréstimos bilionários durante o governo militar, e nos anos 1980 graças aos planos de estabilização, a liberação e privatização econômica:

Em consequência do programa de modernização e industrialização do governo militar – projetos infraestruturais financiados mediante empréstimos de vários bilhões de dólares que criaram a dívida externa do país – e dos planos de estabilização, a liberação e privatização econômica dos anos 80 em diante, as contradições entre Nordeste agrário e o Sul tecnocrático não foram resolvidas, mas trasladadas para o interior nordestino e, por causa dos migrantes, para os centros urbanos, principalmente Recife, Fortaleza, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo (Ibid.: 32).

Assim, percebemos que durante muito tempo as políticas governamentais voltaram-se para a modernização da região sul. Apenas nos anos 1980 essa situação começa a mudar, mas ainda assim, a desconcentração industrial promovida pela relocação de empresas dos centros urbanos para as zonas do interior se mostrou tímida. Ainda segundo Walter (2010),

em consequência dessa distribuição econômica desigual entre as regiões e desse sistema de posse extremamente injusto, a pobreza é maior e mais comum no Nordeste do que no Sudeste e no sul. Ambos estes fatores estimularam a migração tanto das zonas rurais para as cidades e para o litoral, quanto do Nordeste para o Sudeste e o Sul entre os anos 60 e 90 do século passado (Ibid.: 33).

Ao lado dos discursos deterministas que condicionavam o Nordeste às secas e dos dados históricos acima expostos, a discurso literário teve grande influência na *invenção do Nordeste*. Segundo Walter (2010), a dicotomia geográfica nordeste/sul foi reinventada pela literatura, cujo marco foi a publicação de *Os Sertões* de Euclides da Cunha (1906). Desde então, segundo o autor “a oposição binária entre o paulista e o sertanejo tem se tornado uma constante do debate e da consciência nacional” (Ibid.: 33). O autor salienta que

A migração do Nordeste para o sul não foi somente promovida pelo discurso oficial e causada por fatores naturais (as secas) e econômicos, mas foi fomentada pelas imagens e discursos da ficção. *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos e *Seara Vermelha* (1946), de Jorge Amado, por exemplo, delinearam o Sul como lugar de esperança e sobrevivência para os nordestinos flagelados pelas secas e da exploração: o sul de Pernambuco com os engenhos de açúcar, o sul da Bahia com as plantações de cacau ou os estados de Rio de Janeiro e São Paulo com as plantações de café e as zonas industriais (Ibid.: 34).

Nessa perspectiva, Walter (2010) afirma que esse discurso literário desenhou o Sul como um *El Dourado*, a rota de fuga dos nordestinos que viviam em meio as intempéries climáticas e explorados por uma estrutura social comandada pelos oligarcas. Nas palavras do autor, o nordestino imaginava transformar sua condição de “flagelado explorado num trabalhador industrial que contribuiria para a construção e o progresso do país” (Ibid., p. 34).

Walter (2010) ainda cita Santiago que sugere que enquanto os escritores realistas/naturalistas deram ao nordeste uma imagem romântica, os escritores da década de 1920 e 1930 espelharam-se na realidade geográfica, social e histórica do Nordeste, denunciando suas injustiças e desigualdades sociais. Ainda segundo o autor, “escritores como Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Américo de Almeida e Raquel de Queiroz incorporaram dialetos e idioletos regionais na sua escrita, denunciando a vida dura e o sofrimento do nordestino” (Ibid, p. 35), mas também, em resposta a uma concepção sulista de nação, na qual São Paulo foi eleito como a “capital cultural de um novo Brasil” moderno e industrial, o discurso regionalista criou uma “contra-imagem do nordeste [...] caracterizado como um lugar de miséria, fome, fanatismo religioso, economia latifundiária e cangaço, berço rural e tradicional da cultura e identidade nacional” (Ibid.: 35).

Nesse sentido, Walter (2010) faz uma crítica a este discurso fundado pela literatura regionalista, já que segundo o autor, não levava em conta a diversidade cultural que permeia o Nordeste, concebe-o como um bloco homogêneo, vejamos:

Este ufanismo regional, junto com a não problematização das diferenças intraculturais da região – penso em tais questões como raça, etnicidade e o gênero – criaram uma imagem homogênea de uma região altamente heterogênea (Ibid.: 35).

Dessa forma, o discurso regionalista acabou contribuindo com o discurso oficial, identificando a civilidade no sul do país e a barbárie no Nordeste. Assim, fica claro como o discurso regionalista teve um importante papel na construção da identidade do Nordeste, identidade esta, calcada em estereótipos sociais.

Anjos (2005), no entanto, de encontro a essa percepção homogeneizante dos espaços, advoga a existência de nordestes, tão diversos que não podem ser pensados a partir de uma identidade fixa. Nos rastros dos estudos culturais e pós-coloniais, Anjos (2005) investe em termos que evidenciam processos de hibridismo e flexibilidade cultural oriundos do processo de globalização cultural. Os artistas associados ao movimento mangue beat são citados por esboçar uma ideia mais madura do que seria a identidade cultural nordestina na contemporaneidade: a particularidade dos mangues se originarem das trocas orgânicas entre as águas do rio e do mar transformaram-se em metáfora para evidenciar as trocas culturais entre as formas de vida. A ideia de uma nordestinidade, seria “agora tecida sobre um delicado e complexo mapa de influências recíprocas e de negociações com outras culturas” (ANJOS, 2000, p.5).

Nessa perspectiva, a arte, devido ao seu potencial em representar/recriar artisticamente, é um dispositivo que tanto poderá reforçar discursos e representatividades hegemônicas, assim como desestabilizá-las. Dessa prerrogativa, questionamos: como a literatura contemporânea representa esse espaço na contemporaneidade? Com o fito de raciocinarmos sobre essa questão tomaremos a trilogia *Essa*

*terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006) para desenvolver um trabalho que tentará entender que nordeste ou quais nordestes são representados artisticamente na escrita de Antônio Torres. Para justificar a escolha das referidas obras, passemos a apresentação de cada uma delas.

*Essa terra*, cuja cenografia é ambientada no Junco, hoje Sátiro Dias, terra natal de Antônio Torres, conta a história da família Cruz, composta pelo pai, pela mãe e pelos seus doze filhos. Totonhim, um dos filhos do casal, é o personagem que narra as histórias da família, assim como daquele universo sociocultural. A história desenrola-se através da história do personagem principal, Nelo, que seduzido pelo “Sul maravilha”, migra em busca de melhores condições de vida. Após vinte anos na metrópole e sem conseguir se inserir na lógica neoliberal, retorna à sua cidade natal, talvez acreditando reencontrar-se com as suas raízes, porém o suicídio cometido logo nos primeiros dias de seu regresso evidenciam a sua sensação de não-lugar. A narrativa termina, quando após o suicídio de Nelo, Totonhim também vai em busca de melhoria de vida e parte para São Paulo.

Por sua vez, *O cachorro e o lobo* retoma a história do romance *Essa terra*, quando, após 20 anos, Totonhim faz uma rápida visita ao Junco, graças ao aniversário de 80 anos de seu pai. Perdido em memórias, constata a chegada do progresso a sua terra natal. Nesse regresso passageiro, Totonhim faz um paralelo entre o Junco de vinte anos atrás e a do tempo presente e até mesmo entre aquele Totonhim sertanejo, cheio de sonhos e expectativas que vislumbrava nas luzes da cidade grande o caminho para sair da pobreza, e o Totonhim de agora, com 40 anos, casado, com dois filhos e empregado no Banco do Brasil (aterrorizado pela possibilidade de perder o emprego), que conquistara junto com a esposa a compra de um apartamento, pago em 15 anos. Em seu regresso, observa *in lócus* as mudanças ocorridas no lugar, a chegada do progresso. A cidade já tem luz, eletrodomésticos, posto telefônico, casas começam a ter arquitetura mais modernas, a estrada ganhou asfalto. Percebe que partir para cidades maiores, especialmente São Paulo, já não é novidade, mas uma situação rotineira.

Para fechar a trilogia, em *Pelo fundo da agulha* Totonhim, agora aposentado, divorciado e em um quarto de hotel, novamente imerso em fragmentos de memórias, refaz a sua trajetória de vida. É, pois, uma viagem introspectiva, um diálogo com o “eu” mais íntimo, no qual revisita seus sonhos pretéritos, seus amores, suas relações familiares, como foi se constituindo através de suas escolhas e dos lugares pelos quais passou e foi perpassado, enfim é um acerto de contas com o tempo. Segundo o autor, *Pelo fundo da agulha* foi a tentativa de “fazer uma reflexão sobre este crepúsculo do mundo em que vivemos. Um mundo pós-utópico, pós-modernista, pós-tudo. Entendo que por trás dos impasses do personagem Totonhim não estão apenas os meus próprios. Nem apenas da minha geração. O que me parece é que de repente nos vemos todos — jovens, adultos e velhos — numa espécie de encruzilhada do tempo, em busca de uma saída para o futuro. E onde está esta saída? Eis a questão” (TORRES, site pessoal).

Como vimos, há um dialogismo constitutivo na trilogia torresiana. Dado a esse dialogismo, leremos as obras como um *continuum*, tendo *Pelo fundo da agulha* como o fio condutor de uma costura enviesada da trilogia, posto que representa a fase de vida mais amadurecida do personagem e oportuniza a revisita a lugares, questões e conflitos postos em suas precursoras.

Com esse trabalho, acreditamos seguir os rastros de Deleuze (1974), pois ao discutirmos os significados sobre o nordeste como constructos sócio-histórico-culturais colocaremos a transparência da linguagem em questão, operando nos signos linguísticos e dissecando significantes e significados, assim como os rastros de Derrida nos convida a problematizar as bases que compõe o pensamento e a linguagem ocidentais, que funcionam de maneira binária e hierarquizada e revestem-se de uma falsa essência, pura, verdadeira e divina. Entendemos a dicotomia nordeste/sul como um binarismo que naturaliza a inferioridade do Nordeste.

É preciso questionar constantemente a linguagem e os seus pressupostos, atentar aos seus significados construídos. Dessa forma, problematizaremos como o espaço nordestino, através da linguagem, foi e é significado cultural e historicamente, quais as relações de poder que perpassam esses significados, quais investimentos ideológicos lhes foram feitos, assim como questionar se esse espaço é ressignificado pela escrita torresiana. Nas palavras de Agamben (2005), será um esforço para pensar/utilizar a língua como o lugar da política, de montar um discurso que fragilize e desconstrua os pressupostos hegemônicos.

Essa problematização e desconstrução dos pressupostos hegemônicos ocorrem à medida que tomamos consciência (crítica) daquilo que formou as nossas subjetividades e ordem sociocultural, isto é, a linguagem e a racionalidade *irracional* metafísica. A literatura para Barthes constitui-se como uma potente arma para desestabilizar os sentidos que já estão dados na e através da linguagem, fomentadora por excelência de reflexões que nos permitam reelabora-los, graças as suas três forças: a *mathésis*, sua forma singular de dialogar com outras ciências, sem a elas se curvar, numa reflexão infinita do próprio saber; a *mimésis*, a representação do irrepresentável (o real) através do jogo com os signos, isto é, a *sémiosis*.

Enfim, é inegável o potencial literário, no descortino de nossos (pre)conceitos, formas de significar o mundo e a nós mesmos, haja vista que “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006, p. 17) é uma tarefa inegavelmente literária. E é devido a isso que embarcaremos no mundo proposto pela trilogia de Torres para pensar as estruturas de poder e de significação desse nosso espaço nordestino.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da infância e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, 188p.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A seca no imaginário nordestino de problema a solução (1877-1922)*. Unicamp: Dissertação de Mestrado 1988.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Ed. Cortez, 1999.
- ANJOS, Moacir dos. *Vinte notas sobre identidade cultural no nordeste do Brasil*. Anais do Encontro de Arte Latina. UFRJ, 2000. Disponível em <<http://www.pacc.ufrj.br/artelatina/home.html>>
- BARTHES, Roland. *Aula*: Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Coutrix, s.d..
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *A lógica dos sentidos*. São Paulo: Perspectiva, 1974
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- TORRES, Antônio. *Essa terra*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1979.
- TORRES, Antônio. *O cachorro e o lobo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- TORRES, Antônio. *Pelo fundo da agulha*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- WALTER, Roland. *A ficção de Antônio Torres e João Ubaldo Ribeiro: entre o deslocamento e a relocação num espaço não fronteiriçado*. In.: NOVAES. Cláudio Cledson; SEIDEL. Roberto Henrique, (org.). Espaço nacional, fronteiras e deslocamentos na obra de Antônio Torres. UEFS editora, Feira de Santana, 2010.